

As salgadas despesas da maternidade

LUÍS CARLOS EWALD

Gravidez, gestação, parto, pós-parto são apenas o início de um ciclo que dura toda a vida e muda toda a vida dos pais e adjacentes, tanto no aspecto emocional como no orçamento doméstico.

O *spread* (no mercado financeiro: é a diferença de preço entre a compra e a venda de um título) emocional é visível desde o início da operação (não financeira): a mãe sai da euforia do nascimento direto para a tal fossa pós-parto. As condições de vida pessoal nunca mais serão as mesmas: pais responsáveis nunca mais estarão sozinhos na vida, donos exclusivos de seus atos, nunca mais poderão viajar sem ter que se preocupar com telefones. Podemos comparar a situação de antes de ter filhos com as condições únicas e excepcionais de uma lua-de-mel: depois, nunca mais vai ser a mesma coisa...

Por sua vez, o *spread* no orçamento de antes da concepção versus pós-parto é brutal. Uma rápida avaliação das despesas esmiuçadas nas matérias ao lado já serão suficientes para fazer os mais apressadinhos adiarem seus planos: médicos-pré e médicos-pós (parece até aplicação em CDBs), fraldas (haja fraldas), cremes, talcos, chupetas, mamadeiras, berços e banheiras, carrinhos sedan e esportivos *hath-back*, cadeirinhas para carro, mochilas para carregar bebê e mochila infantil para os apetrechos, bonecos, brinquedos, vídeos para distrair bebês, babás, *babysitters*... Chega! Fico arrepiado só de lembrar dos meus tempos de ilusão inflacionária (desculpe, é o vício de anos de inflação...), digo, de ilusão infantil, isto é, de achar que ter e criar filhos é só alegria.

Por falar nisso, lembro da identificação com o Roberto Carlos (chique, não?) quando compôs a canção *Quando as crianças saírem de férias*, que expressa o drama que passa a acompanhar a vida do antes só casal... Só entende essa canção quem já passou pelas agradáveis interrupções nas horas mais próprias: sob o sonoro apelo do tipo "mamãe, já acabei!", em situação que somente uma terapeuta infantil teria a capacidade de explicar à criança que podia ser que seus pais não tivessem acabado nem acabado de começar...

E o mais complexo é que a conscientização quanto ao número de filhos é muito lenta e os pais geralmente só interrom-

pem a série de filhos quando já é tarde demais. Quase sempre, o casal com filhos perde a liquidez, isto é, não é mais convidado para mais nada, a não ser para outro evento em que a filharada dos outros se une à nossa, o que significa uma potencialização do cansaço imposto pela garotada! Mais de dois filhos tira até a liquidez individual de locomoção: não há mãos a medir! E ainda tem uns que, não bastando a experiência anterior, parece que gostam de ficar a vida toda amarrados às despesas e responsabilidades com crianças e ainda se aventuram a ser pai-avô! Avô é moleza, só pega as rebarbas, não tem despesa, mas, pai-avô, se for responsável é uma proposta de missionário: deve pensar igual àqueles presidiários que se recusam a sair da cadeia depois de tantos anos e acabam se matando...

Aliás, uma frase histórica foi para minha analista de tempos atrás, quando no auge da criação dos meus quatro filhos, eu já não agüentava mais de tantas despesas, responsabilidades, pressões, pensões e apreensões, e desabafei: "Pô, não posso nem me suicidar!" O que causou um grande espanto, amainado quando expliquei que pais responsáveis não têm direito a fugas fantasiosas e válvulas de escape tradicionais. Resultado: tempos depois a psicanalista pediu autorização para apresentar, num seminário internacional de terapia familiar, o caso sintetizado pela expressão que era capaz de exprimir a prisão familiar gerada pelas despesas e pelas responsabilidades!

Como escreveu o poeta: "Filhos, por que tê-los, como sabê-lo sem tê-los?"

Essa é exatamente a questão: a gente adora os que têm, não consegue viver sem eles, se afirma eles e vive por eles, mas se questiona sempre sobre a carga de responsabilidade.

E um dia vem o reconhecimento. Um dos meus, que foi à vida, despachou-se por conta própria para viver surfando no Havai, com direito a ser garçom e lavador de janelas nas horas vagas. Escrevia dizendo que agora entendia porque o pai tinha que levantar cedo todo dia para trabalhar, pois ele, também, se não corresse atrás bem cedo não ganharia para pagar o aluguel.

No entanto, não aprendeu todas as lições. Passado um tempinho, sozinho, namorou, casou, teve um filho e começou o ciclo todo de novo. Agora não tem mais tempo nenhum para surfar, passa a vida trabalhando pra sustentar o filho. Quando os irmãos escrevem perguntando pelas ondas, se ele "tem tirado uns tubos casquinhos", ele escreve em resposta que das ondas do Havai ele não sabe, mas que meu neto havaiano está uma gracinha e quase falando português-inglês...